

# Sartre Revisto

**Gerd Bornheim**

Transcrição, apresentação e notas de Gaspar Paz<sup>1</sup>

## **Apresentação: Datiloscrito de Bornheim revisita a filosofia de Sartre**

Apresentaremos a seguir a transcrição de um datiloscrito de Gerd Bornheim<sup>2</sup> intitulado "Sartre revisto". Esse ensaio compõe o acervo documental do autor, cujas interpretações são o objeto de nossa pesquisa de pós-doutorado em curso no departamento de filosofia da USP (FAPESP). O ponto de partida da pesquisa foi o tratamento da coleção de materiais disponibilizados pela família Bornheim, que trazem elementos importantes para o desvelamento da obra de Gerd Bornheim. A natureza e o papel desses documentos (notas de trabalho, manuscritos, conferências e cursos) demonstram os vieses dos posicionamentos e o processo criativo do autor.

Sabe-se que as interpretações de Bornheim repercutem em diferentes contextos e são enfáticas nas linguagens artísticas e nas colocações a respeito da estética e filosofia da arte. Neste ponto, suas reflexões sobre o teatro apresentam uma visão privilegiada das relações entre as expressões culturais e a filosofia.

<sup>1</sup> Doutor em filosofia pela UERJ, mestre em musicologia pela UFRJ e licenciado em filosofia pela UFRGS. É também coorganizador dos livros: *Arte brasileira e filosofia. Espaço aberto Gerd Bornheim* (Rio de Janeiro: Uapê, 2007) e *Música em debate. Perspectivas interdisciplinares* (Rio de Janeiro: Mauad X/ Faperj, 2008). Atualmente, desenvolve na USP, como bolsista FAPESP, o projeto "Linguagens artísticas em Gerd Bornheim". Tais perspectivas são abordadas em consonância com atividades de manutenção, digitalização e pesquisa em acervo pessoal de Gerd Bornheim, objetivando a viabilização de publicações e disponibilização pública de tais documentos.

<sup>2</sup> Gerd Bornheim nasceu na cidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, no dia 19 de novembro de 1929 e faleceu no Rio de Janeiro em 5 de setembro de 2002.

Ao passo que se interessava pelas linguagens artísticas, Bornheim se envolvia na filosofia com tendências que se consolidavam nos anos 60. Foi o caso da fenomenologia, da dialética e do existencialismo sartriano. Ele percebe que as rupturas com as quais se deparava nas artes se verificavam nos terrenos filosóficos e vice-versa. A tão falada crise da metafísica mostrava suas intensas consequências. Bornheim publica nesse intercuro *Introdução ao filosofar: o pensamento filosófico em bases existenciais*. Porto Alegre: Globo (1969), *Metafísica e finitude*. São Paulo: Ed. Perspectiva (1972), Heidegger. *L'Être et le temps*. Paris: Hatier (1976) e *Dialética, teoria e práxis: um ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética*. Porto Alegre: Globo (1977). Esses trabalhos de certa forma indicam a ênfase teórica e definem escolhas de suas abordagens.

Entendemos que nesse sentido a vinculação com expressões culturais é constante e aparece de maneira geral em todo o conjunto de obra de Bornheim. Esse modo de atuação irá conferir a ele o reconhecimento como um dos nossos principais expoentes em estética e filosofia da arte. Basta olharmos para trabalhos como *Teatro: a cena dividida* (Porto Alegre: L&PM, 1983), *Brecht: a estética do teatro* (São Paulo: Graal, 1992), *Páginas de filosofia da arte* (Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998) e *Conceito de descobrimento* (Rio de Janeiro: UERJ, 1998) para percebermos a acuidade de tais perspectivas. Elas já estão presentes nos estudos sobre Sartre, como o *Idiota e o espírito objetivo* (Rio de Janeiro: UAPÊ, 1998), importante ensaio que sublinha a relação de Sartre com a literatura, no qual Bornheim tece comentários a partir dos três extensos volumes escritos por Sartre sobre Flaubert (*L'Idiot de la famille, Gustave Flaubert de 1821 à 1857*). Também merece atenção – pela forma original de exposição – *Sartre: metafísica e existencialismo* (São Paulo: Ed. Perspectiva, 1984), que confere a Bornheim o espaço entre os principais comentadores do autor francês.

O datiloscrito "Sartre revisto" aqui exposto é um balanço positivo sobre a crescente repercussão de Sartre no Brasil vinte anos após seu falecimento. Bornheim ressalta os posicionamentos de Sartre acerca de dimensões éticas e políticas em temas como a normatividade e a ideia de transparência. Ele comenta a passagem de Sartre pelo Brasil, revelando o intuito do escritor francês em dialogar sobre a "situação política do país". Para Bornheim, Sartre não mediu esforços na busca de entender as contradições da contemporaneidade, mostrando que foi um pensador de implicações máximas na vida filosófica e que não deve ser descartado de nossa literatura sobretudo se se visualizam as mudanças operadas no cerne da filosofia sartriana. É o próprio Sartre quem divisa suas atividades em antes da Guerra de 1945 – período no qual ele escreveu, por exemplo, *A Náusea* e tinha uma preocupação voltada ao individualismo – e após a Guerra, momento no qual ele passa a se indagar quanto aos problemas sociais e escreve a *Crítica da razão dialética*. O primeiro período é voltado à fenomenologia, digamos assim; já o segundo,

procura avaliar um diálogo entre existencialismo e marxismo. É observando tal transição que muitos autores brasileiros adentraram nas questões de estilos literários instigadas por Sartre.

Mas a movimentação incitada pela figura de Sartre não para por aí. Segundo Michel Contant, Sartre "dominava o teatro parisiense do pós-guerra até o surgimento do teatro do absurdo e Brecht"<sup>3</sup>. Para Contant, o autor de *O Ser e o nada* exerce um papel de transição entre o teatro influenciado por Ibsen, Strindberg, Pirandello e o teatro de Brecht e Beckett. A produção literária de Sartre é intensa, e sua atuação no cinema, como sublinha Dominique Chateau em *Sartre et le cinéma*<sup>4</sup>, é verdadeiramente surpreendente, e tal abertura instaura nas expressões culturais aquela admiração que moveu as manifestações políticas de 1968 no meio universitário parisiense, cujos acontecimentos Sartre, sobretudo, soube problematizar. Sua conhecida conferência no Brasil, onde esteve com Simone de Beauvoir por um período de três meses acompanhado pelo escritor Jorge Amado<sup>5</sup> (por volta de 1960), foi sem dúvida um ato político que inflamou sua influência posterior em diferentes campos. Era o engajamento sartriano que se espalhava em terras brasileiras. Bornheim entendia que esse "homem total" buscado por Sartre, como salienta Jean-Luc Nancy<sup>6</sup>, trazia consigo um esforço extraordinário de articulação cujas limitações o próprio Sartre conhecia, conquanto essa motivação insuflasse na filosofia uma maleabilidade extremamente interessante. O que Sartre buscava era a transparência política que ele via já encetada na ética de Kant, mas que enxergava com mais nitidez na perspectiva do marxismo. Ao imperativo kantiano, Sartre acrescentava, como nos mostra Bornheim:

*[...] que a ação individual não pode oferecer nenhum conteúdo material, ela se esvai numa formalidade que acaba se revelando uma necessária guardiã da democracia. A tese kantiana justificar-se-ia apenas se enfaticamente completada com a asserção de que*

<sup>3</sup> CONTANT, Michel. "Entrevista". *Caderno Mais, Jornal Folha de S. Paulo* em 12. 06. 2005.

<sup>4</sup> CHATEAU, Dominique. *Sartre et le cinéma*. Paris: Séguier, 2005.

<sup>5</sup> No livro *Conversations avec Alice Raillard*. Paris: Gallimard, 1990, p. 224-7, o escritor Jorge Amado comenta seu contato com Sartre.

<sup>6</sup> NANCY, Jean-Luc. "Em busca do homem total". Trad. Luiz Roberto M. Gonçalves. In. *Caderno Mais, Jornal Folha de São Paulo*. 12. 06. 2005.

*ninguém pode servir de modelo para ninguém. É tal é a exata tônica da ética sartriana. No fundo, trata-se de uma radicalização, em tudo conseqüente, da ética do filósofo alemão (BORNHEIM, datiloscrito).*

De fato, Sartre vislumbrava o nascimento de um novo homem e de um novo mundo nas oscilações entre tais problemáticas, pensamentos e ações.

São essas atitudes que permeiam a atuação de Gerd Bornheim no ensino e pesquisa em importantes universidades brasileiras e estrangeiras. Bornheim olhava a realidade, interpretando o seu tempo e buscava o sentido na criatividade, como o ator que não mede em previsibilidades a construção de seu personagem. Vive a vida, joga com a linguagem, e de repente o teatro está feito. Bornheim se põe intrépido pelos caminhos que despontam no dinamismo cultural.

### **Datiloscrito:**

O tema proposto é este: aquilatar a importância do pensamento de Sartre no Brasil vinte anos após a morte do filósofo. A proposta evidencia apenas a inexorabilidade dos acontecimentos temporais: tudo termina, mesmo que de modo excelente, em termos de academia. O que Sartre mais detestava, e nisso reside o empenho maior de sua ética, estava justamente na recusa de tornar-se a estátua de si mesmo, em aceitar que o bronze lhe subisse pelas pernas. Foi por isto, e nem tanto por razões de ordem política, que Sartre recusou, definitivo, o Prêmio Nobel. Isso de aceitar-se como exemplo, um pouco à maneira do caráter edificante que deve assumir a presença da santidade, está nas antípodas de todo o projeto sartriano: nenhum homem tem o direito de ostentar a dignidade pseudomoral de pretender exercer a função de modelo para um outro, a não ser que esse outro abdique de seu próprio estatuto de moralidade.

A recusa à presença de normas objetivas a nortear o comportamento, a alastrar-se por contágio, a assentar condutas edificantes, está no âmago e na razão de ser do próprio sentido da ética de Sartre. A estátua, mesmo que de gesso, inventa um homem pantomímico que acaba por patentear-se como falsificador da condição humana em si mesma. E é precisamente contra isso que se erguia toda a verve do maior moralista do Século passado. A denúncia do que ele chama de má fé reside exatamente no fato de que o homem tende, num processo que se deixa emperrar nos passos da autofalsificação, a

submeter-se ao outro, qualquer seja ele – um amado qualquer, um herói, o próprio Deus – como se esse outro devesse funcionar à maneira de um modelo.

Sartre viu a grandeza e os limites da ética kantiana. Prega ele: age de tal maneira como se tua ação devesse servir de norma para os outros. Sartre acrescentaria, corrigindo: mas a minha ação individual não pode oferecer nenhum conteúdo material, ela se esvai numa formalidade que acaba se revelando uma necessária guardiã da democracia. A tese kantiana justificar-se-ia apenas se enfaticamente complementada com a asserção de que ninguém pode servir de modelo para ninguém. E tal é a exata tônica da ética sartriana. No fundo, trata-se de uma radicalização, em tudo consequente, da ética do filósofo alemão.

Nesta convicção maior afinca-se a inteireza da pedagogia sartriana. Claro que ele defendia as suas ideias, era loquaz ao extremo, esvaia-se em palestras, em conversas de café, em entrevistas. E expandia-se ainda muito mais através da palavra escrita – não há paralelo na história do pensamento: nenhum filósofo, em vida, conseguiu acumular um tamanho acervo de edições; seus livros alcançavam, com facilidade, só na França, centenas de edições. E o sucesso continua: veja-se o que vem acontecendo agora entre nós: sucedem-se as edições da recente tradução de *O ser e o nada* de modo em tudo surpreendente, a ponto de justificar-se uma leve suspeita: qual a real extensão do número de seus leitores? Nem importa, o livro dura, e os leitores acabam aparecendo. Mas a pergunta faz-se insidiosa: quantos leram este tratado? Quantos dos que me leem neste momento aventuraram-se pelas páginas deste livro maior? Repito: nem importa. A grandeza maior de Sartre, como de todo grande pensador, nem está apenas, tão simploriamente, nele mesmo ou no peso de sua obra, e muito menos nas muitas ainda que necessárias pequenas rixas do certo e do errado; a grandeza do filósofo mede-se antes naquilo que os avanços do tempo deixam filtrar.

Digamos, para avançar, que a essência do pensamento sartriano se concentra num ponto bem preciso: a inutilidade da mentira. E daí a justeza de sua tese contra a má fé. Sartre diz em algum lugar que chegará o dia em que os homens se tornarão transparentes uns para os outros, ou seja, virá o dia em que não mais haverá a mentira. Evidentemente, se tomarmos a tese em sua materialidade bruta, ela leva a desconfiar que Sartre exagera, e isso já em nome de um *mea culpa* universal. Mas o que importa nem está nessas minudências, nesse tipo de veracidade por assim dizer ôntico. O que importa está em bem pensar o alcance da tese de nosso filósofo – e não é que ele tem razão, e sobejas razões para afirmar o seu exagero?

Veja-se, por exemplo, o tema insinuante da frequência da subjetividade. Este momentoso assunto, já presente na Antiguidade clássica ainda que de modo torto e

mesmo equívoco, vai se impor tão-somente nos tempos modernos – na filosofia, claro está, mas principalissimamente na literatura romanesca dos dois ou três últimos Séculos, base do marxismo (por que não?), base da psicanálise. E em nossos dias, já tão viciados pelo jargão marxista e o psicanalítico, a sociedade e os outros souberam tornar-se tão transparentes, tudo se oferece com tanta nitidez nos parâmetros de uma grande tela cinematográfica, os conceitos se fazem tão comezinhos e tão ao alcance de nossa vida cotidiana – que cabe realmente questionar o futuro, ou o presente, da mentira. Agora, como nunca dantes, nós sabemos o outro, as simulações se fazem passíveis de um lúcido e progressivo desmascaramento, a vocação do homem atual vive em larga medida do despojamento do outro. E surge então este novo pecado capital: a ausência de autoconhecimento. Mas a isso se supera com a lucidez do saber: o saber é agora o desmonte da mentira. As culturas se tornam cada vez mais transparentes, as sociedades como que mostram as suas vísceras, e o diálogo só pode verdadeiramente medrar na recusa da escamoteação. No mais, a mesa está posta, e os jogos foram lançados.

Mas veja-se a estatura de um homem: Sartre esteve no Brasil. Nem tanto para fazer a apologia de seu próprio ideário filosófico. Digamos que as coisas passavam até um tanto por aí – como evitá-lo? Mas o que importava estava no entendimento de que o sentido da filosofia concentrava-se como que por inteiro no ato de denúncia, e isto em diversos níveis. E o filósofo não veio para fazer a apologia da denúncia: esta, entre nós, já existia, ainda que censurada, ainda que camuflada em sua prática, ainda que perseguida na linguagem da violência. Ele veio, sim, para denunciar a própria situação política do país; veio para falar de nós mesmos, num ato de solidariedade raro na época para um homem de seu gabarito. Denúncia sempre, sem dúvida, mas desta feita através da perspectiva do outro, de outro país, de outra gente e de seus problemas. Tudo em nome daquela transparência a que acima me referi. O saber está todo aí: a transparência pode mover montanhas, modificar realmente a sociedade, ela se revela revolucionária. E não é esta a origem da razão de ser do próprio saber?

Mas sinto a teimosia da pergunta jornalística: Sartre entre nós? Venho percebendo mesmo, ultimamente, uma significativa constância nesta curiosa perquirição por parte da imprensa. Ela autoriza a que? A vislumbrar alguma forma de atualidade de presença do pensamento sartriano? Sartre oferece, com toda evidência, a presença da perenidade dos clássicos, sempre correndo os riscos de ser mal entendido, de tornar-se a estátua que ele tanto detestava. Mas diria que a presença de Sartre entre nós se revela em diversos níveis. O primeiro, aquilatável através da permanência, por vezes notável, de edições de suas obras em nosso meio, revela o óbvio: Sartre continua sendo por estes lados um autor vivo. Evidentemente, é por assim dizer impossível averiguar a intensidade

de sua influência e sobretudo os muitos modos em que ela se pode verificar. Mas sua obra existe, resiste, desafia.

Outro nível, e que mal posso avaliar, é o do pastiche literário. Impossível imaginar que o fascínio de Sartre não se fizesse presente em nossas letras tantas vezes periféricas. Nem tomo aqui a palavra pastiche em sentido pejorativo, mas lembro, a simples título de exemplo, um belo conto, *O internato*, ato inaugural de um escritor, Paulo Hecker Filho; este conto, já bastante antigo, ainda que testemunhe a leitura de um Sartre mal digerido, e mais preocupado com escabrosidades *pour épater* do que com as estruturas da existência humana, mostra muito bem as medidas do impacto inicial de Sartre em nossa literatura; tais medidas relevam todas de um fato bastante frequente, a ausência completa de consciência metodológica.

Ainda outro nível está em nossa produção ensaística em torno de Sartre. Há um livro pioneiro, o de Luiz Carlos Maciel, que não pretende ir além da boa divulgação. E há, mais recentemente, o bem informado ensaio de Paulo Perdigão. No entremeio, a bibliografia sobre Sartre não só existia, como continua a florescer, de modo especialmente significativo nos meios acadêmicos. Isto tudo significa ao menos que as ideias do mestre francês permanecem circulando entre nós. É bem possível, é mesmo natural, que logo isso tudo se arrefeça, mas parar não significa necessariamente prejuízo de presença.

E permito-me, para concluir, e a título de mera obrigação intelectual, duas palavrinhas sobre a minha própria produção em torno de Sartre. É que publiquei um livro sobre o filósofo, outro meio livro, e mais algumas miudezas, como esta aqui exposta. E sói acontecer, com relativa frequência, que encontro pessoas que me tomam por sartriano, e nem me levam a sério se as desminto. Entretanto, nunca fui sartriano, nem mesmo nos possíveis ardores dos modismos das primeiras degustações. Porquanto, se meu livro apresenta, em sua primeira parte, principalmente uma exposição introdutória ao pensamento de Sartre, segue-se uma crítica, nas partes subsequentes, que continuo considerando em tudo essencial. De resto, qualquer leitor, mesmo medianamente avisado, percebe de imediato que meus comentários oferecem uma índole de natureza nitidamente heideggeriana. E ainda hoje, não vejo em que poderia modificar aqueles comentários defendidos já lá vão três décadas – ao contrário, de tempos em tempos, ao sabor das circunstâncias, volto a desenvolvê-las e aprofundá-las. Isso não significa que recuse Sartre – Sartre é um raro pensador necessário, um filósofo que soube, talvez como ninguém, incorporar ao seu pensamento as mais profundas contradições do mundo contemporâneo. E é por esses caminhos que ele deve ser tomado. Mas, avançando isto, já me embrenho em novo excursão, que deixo para uma próxima ocasião.